

Carole Boyce Davies
Cornell University

Mulheres caribenhas escrevem a migração e a diáspora

Resumo: O trabalho discute obras de escritoras caribenhas produzidas tanto em suas nações de origem quanto nos países para os quais migraram. Ao identificar algumas das preocupações centrais das narrativas, busca delinear a experiência dessas mulheres como um documento histórico marcado pelo gênero que permite compreender mais claramente os múltiplos movimentos da diáspora caribenha.

Palavras-chave: escritoras caribenhas; migração; diáspora.

Copyright © 2010 by Revista Estudos Feministas.

"Depois do 'Portal do Não-Retorno', um mapa transformou-se em um conjunto de impossibilidades, um conjunto de locais cambiantes. [...] Um mapa, então, é apenas uma série de conversas ao longo da vida sobre uma lista esquecida de identidades irrecuperáveis."
(Dionne BRAND, 2001)

Preâmbulo

¹ Como este texto foi apresentado em palestra no XIII Seminário Nacional e IV Seminário Internacional Mulher e Literatura, realizado em Natal (RN), em setembro de 2009, optamos por manter seus parágrafos iniciais sob a forma de preâmbulo, uma vez que eles destacam a importante relação que a autora faz entre o Caribe, o continente africano e o Brasil. Este texto foi traduzido por Leila Assumpção Harris e Peonia Viana Guedes.

Esta apresentação é parte de um trabalho em andamento que aborda a questão de como imaginar o espaço caribenho, tema que se insere neste seminário – Memórias, representações, trajetórias – por tratar de obras de mulheres caribenhas.¹ Na realidade, a definição de literatura caribenha de autoria feminina que embasa este trabalho abrange um *corpus* literário produzido tanto nos estados-nação do Caribe como na diáspora. Assim, permitam-me que lhes apresente algumas reflexões que norteiam tal discussão. Ao longo da apresentação, discutiremos o significado de diáspora, um campo discursivo cuja articulação está em voga e que está relacionado com outros aspectos também abordados em meus trabalhos.

No percurso de São Paulo para Natal, o ícone que indica a rota de navegação do avião parece apontar quase

na direção da África. Imagino que, se continuássemos naquela direção, poderíamos nos ver reatransitando o Atlântico como tantos africanos deslocados por diásporas o fizeram em suas mentes, sem o benefício das modernas tecnologias de voo. Nossas artistas e escritoras contemporâneas dão continuidade a esse processo à medida que escrevem a diáspora como eu o faço hoje.

Viagens transatlânticas parecem fazer sentido desse ponto de partida que é Natal. Até os mapas parecem buscar certa reconciliação. Conseguimos visualizar tanto a separação dos continentes quanto sua aproximação.

O espaço caribenho é outro ângulo por onde se pode ver o mundo. No mapa, o ombro gigante da América do Sul busca a África. Reconhecer que aqui é o ponto mais próximo tanto do continente africano como da Europa gera em mim uma espécie de euforia criativa e aciona minha imaginação mais ainda. E quando o avião vira novamente para a esquerda, em direção a Natal, o arquipélago e o continente caribenhos se apresentam aos olhos. Vislumbro a possibilidade de prosseguir até o Caribe, as Guianas, a Venezuela e, por final, Trinidad – a primeira ilha depois que se sai da América do Sul, revertendo, assim, o paradigma norte-sul de domínio e leitura do mundo. Realmente o espaço caribenho... espaço de conexão e um constante preenchimento de espaços vazios. Obrigada por me convidarem. Eu queria estar aqui, como sempre quero estar no Brasil.

A diáspora caribenha/identidades caribenhas

Pensar sobre o espaço e a identidade caribenha significa também lidar com uma série de movimentos. Significa, antes de tudo, entender o quanto os relativamente recentes estados-nação do Caribe assim como a diáspora caribenha são locais cruciais para a criação de identidades culturais caribenhas e até que ponto as forças econômicas globais têm também influenciado essas experiências.

O que o Caribe tem em comum com o Brasil é uma história já reconhecida, incluindo o extermínio de povos nativos, as misérias da escravidão, o colonialismo e as lutas pela autonomia e independência.² O processo de descolonização envolve não só os sistemas políticos mas também uma variedade de instituições, que vão das acadêmicas àquelas ligadas à cultura popular.

As separações linguísticas, culturais e geográficas instituídas pelos vários colonizadores – franceses, ingleses, holandeses e dinamarqueses – ainda se fazem presentes no Caribe contemporâneo e continuam impedindo a criação de uma nação caribenha unificada. Termos criados sob a

² Hilary BECKLES e Verene SHEPHERD, 1999; Richard HART, 1998; e Franklin KNIGHT e Colin PALMER, 1989.

influência colonial como “Índias Ocidentais/Indiano Ocidental” (um produto da visão errônea de Colombo) ainda repercutem nos marcadores utilizados por aqueles que foram alvo do erro original de identificação, mesmo que proclamem com orgulho suas identidades nacionais, como, por exemplo, jamaicana, granadina e antiguana, criadas a partir da independência política. Nesse contexto, instituições caribenhas como a CARICOM lutam para criar uma denominação regional e inclusiva e para promover uma integração político-econômica que transcenda essas várias separações.

Para teóricos da identidade como Stuart Hall, “a migração tem sido um tema constante na história do Caribe” e, devido ao processo da diáspora a ela relacionado, as “identidades tornam-se múltiplas”,³ na medida em que uma série de identificações e reidentificações criam um panorama de identidades caribenhas mutantes, ainda que resistentes. Longe de estarem permanentemente atreladas a um ponto de origem (ainda que essa visão tenha sido útil para projetos políticos), as identidades caribenhas nos permitem entender definições pós-modernas de identidade como fluidas, construídas, moldadas tanto pela história e pelas forças globais e econômicas da contemporaneidade como pelo que acontece nos contextos dos estados-nação caribenhos. Apesar de as pessoas terem um grande apego às identidades nacionais, sabemos também que essas identidades certamente foram forjadas por meio de bandeiras, de hinos e de todo um aparato estatal criado nos primórdios dos movimentos de independência. Antes desses movimentos, as identidades provisórias de uma nação caribenha apontavam para uma possível “Federação das Índias Ocidentais”, o que em si mesmo sugeria uma parcialidade que precedeu a criação desses estados-nação.

Transnacionalismo e diáspora tornaram-se termos carregados de significados múltiplos, com o primeiro a princípio significando o movimento de capital entre nações, mas agora também refletindo uma série de movimentos, inclusive culturais, e uma série de práticas socioeconômicas e políticas. Os processos migratórios globais têm introduzido novas identidades à medida que têm criado histórias paralelas. Existe ainda uma série de outras identidades – sexual, religiosa, étnica, de classe, de gênero – que opera de forma tectônica. Ainda assim, com o pós-colonialismo, necessitamos de um novo vocabulário que descreva os vários encontros entre os “mundos” diferentes introduzidos pelos processos migratórios. Essas migrações contínuas geram, de modo consistente, novas identidades mesmo enquanto os sujeitos diaspóricos lutam para manter as antigas. Assim, uma série de outras identidades híbridas tem sido criada no espaço caribenho. Nos Estados Unidos, uma identidade

³ Stuart HALL, 1999, p. 1-2.

caribenho-americana foi formalmente reconhecida em 1996, tendo sua oficialização sido celebrada com a designação do mês caribenho-americano em junho. No Reino Unido, uma identidade afro-caribenha foi aceita formalmente dentro de, e às vezes em oposição a, uma formação identitária britânica negra mais abrangente.

⁴ Harry GOULBOURNE, 2002.

De acordo com Goulbourne,⁴ o transnacionalismo precisa ser desmembrado para que possamos identificar um “transnacionalismo popular” envolvendo grupos de pessoas comuns que participam de experiências transnacionais geradas a partir da migração na medida em que esses grupos criam e mantêm laços através dos estados-nação. O transnacionalismo econômico tem enfraquecido a soberania de estados-nação, uma vez que atividades econômicas, bancárias e de mercado com suas estruturas afins demandam um conjunto de ações que tanto podem estar em conflito direto com os interesses locais como podem promover esses mesmos interesses. No nível político, desenvolvimentos que requeiram uma “integração regional” produzem organizações como a CARICOM ou a CARIFTA, que às vezes transcendem as decisões individuais dos estados-nação, mas que também têm potencial para fomentá-las. Essas organizações demandam um conjunto de ações e atividades, tais como liberdade de movimento através das fronteiras dos estados-nação,⁵ mas também promovem festivais culturais, como o CARIFESTA, que para alguns parece estabelecer mais pontos de conexão cultural através da música, da dança, das tradições e de movimentos sociais e políticos de caráter popular.

⁵ GOULBOURNE, 2002.

As primeiras diásporas trazem consigo a lógica da migração forçada e, portanto, a lógica de uma dialética mais antiga entre terra natal e exílio. Os movimentos subsequentes que rediasporizam ou criam uma diáspora caribenha estão mais de acordo com movimentos dos séculos XX e XXI que têm um caráter mais voluntário, embora haja um ímpeto econômico por trás dessas migrações, que incluem elementos das antigas diásporas africanas e indianas, caracterizadas como migrações voluntárias, forçadas, induzidas ou decorrentes do comércio,⁶ e das migrações mais recentes, que produziram uma comunidade diaspórica de povos caribenhos nos principais centros mundiais. De acordo com Hall,

⁶ Carole BOYCE DAVIES, 2008b.

as identidades tidas como fixas e estáveis estão se desmantelando em virtude de uma diferenciação que se reproduz continuamente. Em todo o mundo, os processos das chamadas migrações livres e das forçadas estão mudando a composição e diversificando as culturas bem como pluralizando as identidades culturais das antigas nações hegemônicas, os antigos centros

⁷ HALL, 1999, p. 16.

imperiais, e, na verdade do próprio globo. Os fluxos não regulados de povos e culturas são tão vastos e irrefreáveis quanto os fluxos de capital e tecnologia promovidos pelos mercados mundiais.⁷

Narrativas de migração, identidade e diáspora na literatura caribenha

A migração, a nação e o significado da identidade na diáspora têm estado entre os temas dominantes da literatura caribenha por várias gerações de escritores. A imaginação literária permite articular uma consciência da diáspora e da nação ao nível das experiências vividas através das diferentes modalidades de migração. Desse modo, cada geração tem abordado ângulos diferentes das questões de lar e exílio, da migração e das identidades diaspóricas, ou da recriação de novas identidades nos contextos dos estados-nação tanto antes como depois da independência política.

Talvez seja apropriado começarmos com Claude McKay, de origem jamaicana, que se tornou membro do grupo de escritores envolvidos na “Renascença do Harlem” na década de 1920. McKay talvez melhor personifique os sentimentos conflitantes dos que navegam pelo espaço migratório, tendo transitado entre a Jamaica e os Estados Unidos, mas também vivido no Reino Unido e na antiga União Soviética.⁸ Ao escrever em 1919 o famoso poema “If We Must Die”, McKay expressa sua identificação absoluta com os afro-americanos que lutavam contra o racismo, mas ao usar o pronome “nós” também se posiciona como um ativista do movimento negro global e da comunidade africana diaspórica. Em outro soneto, “America”, McKay também capta o sentimento de dualidade que afro-americanos como William Edward Burghardt Du Bois articularam por meio do conceito de uma “dupla consciência”. Ao mesmo tempo, McKay expressa o sentimento de resistência ao terror deflagrado pelo Estado contra o Terceiro Mundo e os povos nativos, subjugados por esse poder.

De modo semelhante, os escritores da geração *Negritude*, influenciados pela Renascença do Harlem, criaram poesia e prosa enquanto conviviam com a política de desraizamento promovida pela França e, como estudantes, enfrentavam ao mesmo tempo o racismo francês na Paris da década de 1930. “Cahier d’un retour au pays natal” (1939), de Aimé Césaire, e *Pigments/Nevralgies* (2001), de Leon-Gontran Damas, abordariam também as questões da migração e da luta para recuperar e definir uma identidade independente diante das violentas investidas do colonialismo francês. Nesse caso, a migração assume

⁸ Winston JAMES e Claude McKay, 2001.

um papel de destaque, uma vez que é essa condição e as realidades da vida nas colônias (posteriormente províncias ultramarinas da França, nas quais Martinica e Guadalupe se transformaram) que instigam uma análise das condições que levam ao entendimento da migração e da nação. A falha na conclusão do processo de descolonização francófona perdura em 2009. A calamitosa situação econômica de Martinica e de Guadalupe, que permanecem tecnicamente colônias francesas a despeito de serem oficialmente consideradas províncias ultramarinas, gerou uma nova onda de insatisfação e resistência, com manifestações e motins e com a previsível repressão militar por parte da França.

Franz Fanon capta bem essa tensão entre as gerações seguintes. Após vivenciar e articular as emoções da separação colonial/racial e não conseguir se ver por inteiro no olhar do Outro, diz: “Espero por mim mesmo no intervalo antes do filme começar, espero por mim”.⁹ Fanon descreve a ruptura entre a autoidentificação, como sujeito afro-caribenhos, e a interpelação, como sujeito racial, do racismo francês. No capítulo “The Fact of Blackness”, em *Black Skins, White Masks*, o confronto com o racismo pulsiona a interação do sujeito migrante negro consigo mesmo e com o Outro, especialmente com o olhar abrangente que transforma o sujeito negro em objeto.

Durante o período colonial, os escritores do Caribe anglófono, que iam à Europa na década de 1950 e sentiam a rejeição negavelmente documentada da matriz colonial, catalogavam de modo meticuloso a dinâmica dessa relação fracassada em textos como *The Emigrants* (1980), de George Lamming, *The Lonely Londoners* (1956), de Samuel Selvon, e *Frangipani House* (1982), de Beryl Gilroy, escrito anteriormente, como a própria autora indica, mas publicado na década de 1980, quando as obras de escritoras negras tornaram-se populares. Para as gerações de escritores nascidos nas décadas de 1980 e 1990 – como Caryl Phillips, que escreveu *The Atlantic Sound* (2001) –, a migração continua para a Grã-Bretanha, ou os Estados Unidos, ou o Canadá torna-se tema dos discursos cambiantes sobre nações e migrações e o sentimento paralelo de não pertencimento a qualquer lugar. O livro *Migrations of the Subject: Black Women, Writing and Identity* (1994), de Boyce Davies, aborda a fundo esses temas.

Ao nos aproximarmos das gerações contemporâneas de mulheres caribenhas escrevendo entre a migração e a nação, destacamos Edwidge Danticat como uma figura central que talvez melhor articule a problemática em questão. Em sua recente obra autobiográfica, *Brother, I'm Dying* (2007), Danticat faz, por meio de sua narrativa, uma

⁹ Franz FANON, 1967, p. 140.

leitura importante dos discursos sobre nação e migração no contexto específico da migração entre o Caribe e os Estados Unidos. Devido ao seu caráter autobiográfico, *Brother, I'm Dying* pode ser considerada uma obra emblemática de um conjunto de questões correlacionadas que são tratadas separadamente na narrativa. Nesse caso, o Haiti, com sua conturbada história como estado-nação, lança o sujeito migrante para fora do país de forma violenta para que ele seja capturado e destruído na armadilha dantesca do processo imigratório estadunidense. O núcleo dinâmico desse livro de memórias é a vida de dois irmãos – um o pai biológico de Edwidge, que migra para os Estados Unidos em caráter permanente à procura de uma vida melhor, mas acaba seriamente doente, morrendo após uma vida de trabalho exaustivo como motorista de um táxi pirata no bairro do Brooklyn, em Nova Iorque. Sua fragilidade e morte sofrida são representações marcantes dos aspectos negativos desse tipo de migração. Mas do lado positivo, figura a possibilidade de a família se reunir fora do círculo de pobreza de Porto Príncipe e de produzir Edwidge Danticat, uma escritora cujo talento aliado às oportunidades propiciadas pela migração lhe permitiu escrever essa narrativa pela qual ela recebeu o American Book Award, em 2008. É bastante irônico que os dois irmãos acabem sendo sepultados juntos, no exílio, em Queens, Nova Iorque: o que havia decidido permanecer na terra natal acaba tendo que migrar em circunstâncias críticas e também morre fora de seu país. Nação e migração têm sido a tônica das obras de Danticat, de *Breath Eyes Memory* (1994), passando por *The Dew Breaker* (2005) e chegando a *Brother, I'm Dying* (2007).

Os elementos relacionados à migração que também são abordados em estudos sociológicos e políticos e que fazem parte dessa narrativa são: (1) a vida difícil e conturbada de uma ilha que também é um estado-nação, onde a pobreza não dá trégua e o aparato estatal é ineficaz; (2) a migração de pai e mãe, que deixam seus filhos com parentes até que possam buscá-los; (3) outros filhos que nascem no novo país enquanto os que ficaram para trás aprendem a viver sem os pais e formam laços com os parentes que os abrigam; (4) a reunificação da família nuclear no novo país; (5) a presença constante de problemas econômicos e sociais dos parentes que ficaram para trás; (6) a obrigação decorrente dos que partiram de enviar auxílio financeiro; (7) as condições cada vez mais difíceis e violentas da pobreza no país de origem; (8) a morte dos familiares que permaneceram no país de origem; (9) a destruição final da igreja e da residência do tio, que é obrigado a fugir de forma humilhante; (10) a tentativa – diante da situação catastrófica na ilha – de entrar legalmente nos Estados

Unidos e se ver reduzido à condição de imigrante ilegal; (11) o resultante encarceramento no Krome Detention Center de Miami; (12) a ameaça de deportação; (13) neste caso a morte durante o período de sessões de interrogação; e (14) o fracasso em conseguir o *status* de refugiado.

Vale frisar, então, que a jovem Dandicat se torna testemunha dos dois lados – os espaços da nação e da migração – das questões que envolvem o processo migratório. Nascida no Haiti, lá permanece até que seus pais, que se estabeleceram no Brooklyn, em Nova Iorque, tenham condições de reunir a família nuclear nos Estados Unidos. No entanto, a dinâmica da família mais ampla permanece e, na realidade, a dramática interação entre os dois núcleos familiares é o elemento central da narrativa. Igualmente importantes são as histórias contemporâneas do Haiti e dos Estados Unidos, delineadas a partir das relações de poder dos Estados Unidos. Em seu primeiro romance, *Breath, Eyes, Memory* (1994), a preocupação maior de Dandicat é com mulheres estupradas e destruídas pela nação que agora vivem em outro país, mas transmitem sua dor de geração para geração. Em seu romance mais recente, a autora desenvolve a ideia de que a violência desencadeada por agentes oficiais como os *tonton macoutes* persiste em outros lugares e está presente até mesmo em comunidades haitianas em outros países. A metáfora central em *The Dew Breaker* é a cicatriz que a filha talha na imagem que representa seu pai, a mesma cicatriz que marca toda a família, a nação e, de forma visível, o rosto do pai, um produto de sua própria violência.

Já em *The Farming of Bones* (1999), Dandicat focaliza a migração interna do Caribe, entre as fronteiras artificiais dos estados-nação da República Dominicana e do Haiti, originalmente a ilha de Hispaniola, o primeiro local onde Colombo aportou. Toda a história se faz presente aqui, incluindo a destruição dos índios tainos, a revolução do Haiti e as lutas aparentemente perenes do Haiti e do povo haitiano. Concluindo, migração e nação na obra de Dandicat fazem parte de um encontro perpétuo com a história, um passado de dor e opressão presentes de formas variadas na história do Caribe.

A migração para Londres tem produzido ondas de deslocamentos, articuladas por elementos de diversas gerações em luta por uma identidade caribenha na diáspora. Para os/as escritores/as da primeira geração diaspórica, que migraram para os centros coloniais da Europa ou dos Estados Unidos, a questão central estava relacionada com o que significava migrar como sujeito colonial, questão que teve um envolvimento fundamental com o significado de lar/pátria. O esforço de jornalistas como

Una Marson, que desenvolveu a série da BBC *Caribbean Voices* (1998), e como Claudia Jones, que fez grandes contribuições para a publicação da *The West Indian Gazette and Afro-Asian Caribbean News* (1958-1964), criou espaço e público leitor para as escritoras das décadas de 1950 e 1960. No trabalho dessas escritoras, a realidade do racismo no centro colonial e a lógica da rejeição e recriação da identidade em um novo lugar são temas que marcam as narrativas. A relação entre lar/pátria e exílio também permanece como um dos principais temas desses trabalhos.

Talvez a obra mais relevante na representação épica da longa migração caribenha seja *The Arrivants: A New World Trilogy* (1967), de Edward Kamau Brathwaite. Em sua trilogia poética, dividida em seções intituladas "Rights of Passage", "Islands" e "Masks", Brathwaite permite a si mesmo e aos leitores explorar os vários rumos que levaram o sujeito caribenho a uma dupla ou tripla diáspora. Nesse caso, o tema é a migração da África para o "Novo Mundo", para as Américas, com todas as histórias de colonização e, finalmente, de semicolonização, que teve lugar após os processos de independência.

Apesar de Brathwaite ver a migração como parte da condição humana, mais particularmente a migração africana como parte da abrangente narrativa do avanço humano através do tempo, ele está bem consciente, como a passagem acima demonstra, das atuais condições econômicas do capitalismo tardio que se tornam os gatilhos que dispararam os processos desse período. Assim sendo, as primeiras migrações africanas, iniciadas por razões climáticas, defrontaram-se com realidades ainda mais severas como a do tráfico de escravos (árabes e africanos), do colonialismo e do neocolonialismo. "Islands", a terceira parte da trilogia de Brathwaite, oferece muitos ângulos de explicação sobre a natureza da existência nas incompletas nações insulares do Caribe.

A migração para os Estados Unidos e para a Europa é capturada através do sofrimento do migrante em "Didn't He Ramble", que, em seus primeiros versos, diz: "Então a Nova Iorque e Londres / finalmente chego / esperança em meu ventre / ódio asfixiado / em meu ângulo / para me adequar ao papel / que represento".¹⁰ No poema "The Emigrants", o poeta capta todas as facetas de sua migração "para o Canadá, Canal do Panamá, lavouras sofridas do Mississippi, Flórida, Glasgow". O poema diz: "Para onde vão? / Não sabem. / Procurando emprego / eles aceitam o melhor / que o agenciador tem a oferecer".¹¹ Em seus outros versos, o poema de Brathwaite continua a realçar espaço e localização nas geografias da migração caribenha.

¹⁰ Edward Kamau BRATHWAITE, 1967, p. 22.

¹¹ BRATHWAITE, 1967, p. 51-52.

A desolação de Londres vista pelo sujeito migrante caribenho, que David Hinds tão bem capta em sua narrativa *Journey to an Illusion: The West Indian in Britain* (2001), é articulada teoricamente por Alrick Cambridge por meio do conceito do não pertencimento, expresso em *Where You Belong: Government and Black Culture* (1992). Na realidade, esse conceito já havia servido de título para o romance de Joan Riley, *The Unbelonging* (1985).

Tudo isso nos prepara bem para entender os movimentos entre destinos migratórios que traçam os contornos da diáspora caribenha. Isso é o que Derek Walcott faz em *Omeros* (2002), uma das primeiras representações articuladas do Caribe: “O mar é a história”,¹² diria Walcott sobre todas as narrativas e movimentos mantidos ocultos que geralmente seguiram a rota das economias globais e reproduziram o fator de expansão e retração dos movimentos migratórios.

No contexto estadunidense, as escritoras que precederam Edwige Dandicat – Paule Marshall e Rosa Guy – fizeram uma articulação verossímil das dimensões humanas desses movimentos nas décadas de 1950 e 1960. *Brown Girl, Brownstones* (1959), de Marshall, torna-se o texto paradigmático de sua geração. Nele, a família que mora em Nova Iorque assume o desejo de fazer desse lugar seu lar. O mais recente livro de memórias de Marshall, *Triangular Road* (2009), descreve os movimentos tanto do pai quanto da mãe da família. O pai, que vai de Barbados para Cuba como trabalhador contratado e termina nos mesmos canais dos quais tentara escapar, decide embarcar como clandestino para Nova Iorque, onde trabalha em uma fábrica e, ainda insatisfeito, desaparece da narrativa. A mãe, que migra para o Brooklyn para viver com uma irmã, torna-se uma empregada doméstica fixa que sofre de depressão e termina como diarista e esposa insatisfeita. Ao redor dela, entretanto, outros membros da comunidade de Barbados que residem em Nova Iorque compram sobrados e conseguem algum sucesso. Pertencendo à mesma geração que produziria a primeira congressista negra eleita pelo Brooklyn, Shirley Chisholm, que mais tarde concorreria à presidência dos Estados Unidos, fato documentado em *Unbought and Unbossed* (1970), Paule Marshall retrata a mulher migrante caribenha em Nova Iorque disputando recursos com americanos negros e brancos e, acima de tudo, buscando um lar. Sem dúvida, as mulheres caribenhas, tão bem retratadas no ensaio “The Bronx Slave Market”,¹³ mercado no qual mulheres brancas de posses são representadas selecionando diaristas como em um leilão de escravos, são também as mulheres caribenhas de Marshall, que comentam oblíqua e poeticamente sobre como abrir caminho nesse “país de homens” na medida em que a

¹² Derek WALCOTT, 2002.

¹³ Ensaio publicado por Ella Baker e Marvel Cook no periódico *The Crisis*, em 1935. O ensaio descreve e analisa a situação do assim chamado “Mercado de escravos do Bronx”.

geração seguinte é pressionada a buscar as oportunidades disponíveis.

A articulação de alguns dos outros aspectos da migração caribenha é feita por escritoras das comunidades de fala espanhola. Em *Let It Rain Coffee* (2005), Angie Cruz, da mesma geração de Dandicat, situa seu texto tanto na República Dominicana quanto em Nova Iorque. O mesmo pode ser dito de Cristina Garcia, que em *Dreaming in Cuban* (1992) narra o movimento de idas e vindas entre gerações e localidades, ou de Julia Alvarez, que em *How the Garcia Girls Lost their Accents* (1992) lida com a ideia de pertencimento ao país anfitrião, o que implica certo grau de perda, ou mesmo de Loida Maritza Perez, que em *Geographies of Home* (1999) capta em maior profundidade o sofrimento de não pertencer à família, à escola, à igreja, à comunidade, à nação estadunidense ou à terra natal. Marcia Douglas, em *Notes from a Writer's Book of Cures and Spells* (2005), representa de forma criativa movimentos diaspóricos entre a Jamaica e os Estados Unidos.

Como sugerem os sociólogos, no contexto da família a manutenção dos laços familiares transnacionais é facilitada por vários tipos de relações afins, tais como a da “herança compartilhada” e a dos pressupostos em comum. Essa colocação é confirmada, de certo modo, por *Leave to Stay: Stories of Exile and Belonging* (1996), uma coleção de contos organizada por Joan Riley e Brair Wood. Poderíamos talvez identificar agora três gerações de migrações caribenhas para a Inglaterra: a primeira, formada por jamaicanos que chegaram ao porto de Tilbury no navio Empire Windrush¹⁴ em 1948, dando início ao movimento migratório que durou até o final da década de 1950; a segunda, representada pela geração seguinte à década de 1960, influenciada pelos discursos ligados aos movimentos pelos direitos civis e pelo poder negro, uma geração que se recusou a aceitar o racismo; a terceira, uma geração de crianças afro-caribenhas que cresceu na Inglaterra, tendo como certo seu acesso aos direitos do Estado. Em *Leave to Stay: Stories of Exile and Belonging*, Joan Riley, que havia publicado anteriormente *The Unbelonging*, capta uma genealogia do movimento nação/migração em sua introdução, quando observa que, enquanto sua avó vivera na “mesma casa durante a vida inteira” – como “Da-Duh”, a avó do conto homônimo de Paule Marshall, também fizera –, a geração de sua mãe “teve ambições maiores e mais potencial para concretizá-las com a explosão da demanda por mão-de-obra dos anos do pós-guerra”.¹⁵

É relevante levar em consideração o livro de Dionne Brand, *A Map to the Door of No Return: Notes to Belonging* (2001), que navega pelas interseções das duas diásporas –

¹⁴ Em 22 de junho de 1948, 492 jamaicanos, passageiros do Empire Windrush, desembarcaram e foram transportados para Londres. Esse desembarque é considerado um marco nas modernas relações multiculturais da Inglaterra.

¹⁵ Joan RILEY citado por RILEY e Brair WOOD, 1996, p. 1.

africana e caribenha – e apresenta, por um lado, a metáfora do “portal do não retorno”, atravessado pelos escravos ao saírem dos fortes negreiros no início da viagem para o Novo Mundo, e, por outro lado, o portal imaginário que o sujeito cruza ao entrar no processo de “rediasporização”. Indaga Brand: “Como descrever essa mistura de profunda e desesperançada dor mesclada a um certo entusiasmo do escravo ao encostar-se nesse portal?”.¹⁶ Para Dionne Brand, como a epígrafe inicial indica, as identidades são irrecuperáveis, as memórias são perdidas, as famílias e as histórias se dispersam. O esquecimento, nesse caso, torna-se uma bênção na medida em que as epistemologias da travessia do Atlântico anunciam um futuro mais complexo, sempre com a possibilidade de um recomeço.

¹⁶ Dionne BRAND, 2001, p. 1.

Nesse texto de reflexões semiautobiográficas, Brand pondera sobre os significados de migração, perda e recuperação, deslocando-se habilmente entre ilha e centro metropolitano, mundo rural e urbano, mar e terra firme. Um final feliz nunca é alcançável porque a diáspora parece sempre gerar perdas, permanecendo em estado de inauspiciosa tensão com a (im)possibilidade de recuperação. A identidade caribenha que Brand recupera tem que estar sempre pronta para o processo de contínua autoinvenção.

Ao se descrever, Stuart Hall sugere os termos “deslocamento e disjunção” como elementos constitutivos de sua identidade como sujeito diaspórico caribenho. Para Hall, entretanto, há uma decisão clara de permanecer no lugar de destino diaspórico e participar como um elemento de resistência e apoio à segunda geração em seu processo de adaptação. Na verdade, como tem sido bem documentado nos Estados Unidos (algumas vezes de modo negativo por pessoas como Harold Cruse, em seu livro *The Crisis of the Negro Intellectual: A Historical Analysis of the Failure of Black Leadership* (1967)), os caribenhos tiveram participação ativa no período crítico da luta dos afro-americanos nos Estados Unidos por justiça e direitos humanos. Os caribenhos se consideravam legítimos integrantes dessa luta por acreditarem fazer parte de uma comunidade negra global e, particularmente, por se verem alvo do racismo estadunidense.

Talvez essa questão seja mais bem ilustrada em meu recente trabalho sobre Claudia Jones, que, deportada dos Estados Unidos durante o período macartista como membro do partido marxista, sofreu um processo de obliteração. Claudia Jones partiu para Londres, dupla e triplamente diaspORIZADA nos termos definidos por Stuart Hall, onde chegou quase concomitantemente com o navio Empire Windrush, em 1948. O resultante influxo de caribenhos na cidade de Londres contribuiu para que Claudia Jones fosse capaz de exercer um papel importante na configuração da

¹⁷ BOYCE DAVIES, 2008a.

comunidade negra da cidade. Cada vez mais convicta de suas posições marxistas, Jones encontrou, como argumento em meu trabalho,¹⁷ maneiras de reformular seu ideário político e de expandi-lo de modo que a esse pudesse incorporar questões relativas às mulheres negras, às pessoas de cor e aos migrantes afro-caribenhos na Europa. Isso teve um impacto social tão grande que o concorrido funeral com pompas diplomáticas de Jones e seu enterro em túmulo à esquerda do jazigo de Karl Marx foram considerados um reconhecimento tanto de sua crença política quanto da importância de sua vida.

Em uma época em que homens controlavam o deslocamento diaspórico do Caribe para a Grã-Bretanha, mulheres como Amy Ashwood Garvey, pan-africanista de origem jamaicana, e Claudia Jones, renomada ativista política nascida em Trinidad, tornaram-se figuras políticas de destaque da primeira fase da diáspora caribenha. A vida de Claudia Jones nos fornece importantes informações sobre as circunstâncias sociais que levariam algumas mulheres a assumirem papéis ativos na diáspora, em um período no qual não lhes teria sido permitido seguir carreiras políticas no Caribe colonial. Como mostro em meu trabalho, Jones migrou de Trinidad para os Estados Unidos aos oito anos de idade e cresceu no Harlem das décadas de 1920 e 1930. Nesses anos, a enorme expansão do movimento migratório negro vindo do Sul do país transformou a “metrópole negra” em um centro de grande produção artística e intelectual, característica essa que só seria revertida com o avanço da Grande Depressão. Colocando-se no centro dos eventos culturais e políticos de seu tempo, Jones tornou-se uma produtiva jornalista e ingressou, como outros intelectuais afro-americanos e afro-caribenhos, no Partido Comunista, tornando-se a primeira mulher negra a ser indicada para fazer parte do comitê central do partido comunista estadunidense. Encarcerada em Ellis Island por suas atividades políticas, Jones foi deportada para a Inglaterra, de acordo com as leis que regiam a cidadania britânica colonial. Na Inglaterra, Jones tornou-se importante figura política da diáspora e conseguiu aglutinar a liderança anticolonial caribenha e os líderes do movimento pelos direitos civis estadunidenses. Na Grã-Bretanha, Jones é reverenciada por seu trabalho político junto à comunidade negra do East London, por ter lançado o primeiro jornal caribenho na Inglaterra, bem como por ter organizado o primeiro dos carnavais londrinos. Jones está enterrada, como já foi dito, no cemitério de Highgate, à esquerda de Karl Marx.

Mesmo antes de Claudia Jones, Hubert Harrison, ativista comunista como Jones, havia influenciado Marcus Garvey. Foi Harrison que, como sabemos, cunhou o termo “Novo Movimento Negro” e deu base filosófica e argumentativa ao

movimento. Esse fato, desconhecido por muitos pesquisadores da Renascença do Harlem, fez com que o papel desempenhado por Harrison tenha sido atribuído a Alain Locke, talvez por Locke ter sido o organizador da coletânea intitulada *The New Negro: An Interpretation*, publicada em 1925. Jeffrey Perry, entretanto, em "Focus on Harlem: The Birth of the New Negro Movement, 1883-1918" (2009), nos informa que Hubert Harrison foi um dos principais protagonistas do Novo Movimento Negro, sendo originário do Caribe e, também, produto de migrações.

Também é digno de nota o fato de que Harrison trabalhou com Elizabeth Gurley Flynn, discursando no mesmo palanque que ela no dia 19 de maio de 1913, durante a Greve da Seda, realizada em Patterson, Nova Jersey. No livro de Perry, existe uma foto de Harrison na companhia de Elizabeth Gurley Flynn e, também, um relato da atuação dos dois na organização de sindicatos ligados a essa greve. Elizabeth Gurley Flynn e Claudia Jones trabalhariam juntas mais tarde na Comissão de Mulheres e, na década de 1950, seriam encarceradas, também juntas, na penitenciária feminina de Alderson, em West Virginia. Dessa forma, Gurley Flynn estabelece uma ligação necessária entre uma Claudia Jones e um Hubert Harrison, tendo conhecido e trabalhado com esses dois ativistas intelectuais afro-caribenhos durante um período de sua intensa vida política. Harrison é identificado também por sua consciência das questões de gênero, e existem registros de suas falas em defesa dos direitos das mulheres em várias ocasiões. A questão das mulheres caribenhas e da escrita por elas produzida engloba, então, interessantes movimentos históricos, vislumbrados na investigação do desenvolvimento do que hoje se considera a diáspora caribenha.

Conclusão

A escrita da migração e da nação tem sido um componente de peso na definição e na redefinição da identidade caribenha. Afastando-se de um discurso no qual a identidade já estaria fixada na primeira etapa da dispersão diaspórica – em sua maioria indiana ou africana –, escritores/as caribenhos/as tiveram que redefinir o entendimento da identidade caribenha, cuja pluralização capta a reformulação de identidades diaspóricas caribenhas, como demonstrei em *Migrations of the Subject* (1994).

Vários temas podem ser significativamente identificados nesse ponto da minha apresentação. As contradições existentes na identificação do sujeito diaspórico com qualquer um dos dois lados do movimento nação/migração indicam, ao mesmo tempo, uma aliança dupla com as famílias desses dois lados, tornando às vezes impossível, como nos mostra

Dorothea Smartt, em *Ship Shape* (2008), escolher um grupo em detrimento do outro, tornando necessário acolher os dois lados dessas identidades, adaptando-se a cada um deles conforme necessário e aceitando que pertencer a um único lado é impossível. Dionne Brand capta outro tema nesse discurso de migração/nação/identidade como a epígrafe inicial dessa apresentação indica. O sujeito diaspórico enfrenta contínuas definições e redefinições, especialmente no nível da imaginação e por meio da linguagem.

Esse confronto do sujeito diaspórico, como foi dito anteriormente, é, de certa forma, confirmado na introdução à coletânea organizada por Joan Riley e Brair Wood, intitulada *Leave to Stay: Stories of Exile and Belonging* (1996). Talvez possamos novamente lembrar as três gerações de sujeitos caribenhos diaspóricos no caso da Grã-Bretanha: a primeira, que veio com o navio Empire Windrush em 1948 e que durou até o final da década de 1950; a segunda, a geração que se seguiu à década de 1960, influenciada pelos discursos ligados aos movimentos pelos direitos civis e pelo poder negro, uma geração que se recusou a aceitar o racismo; e a terceira, uma geração de crianças afro-caribenhas crescendo na Inglaterra e tendo como certo seu acesso aos direitos do Estado.

A poeta afro-escocesa Jackie Kay, autora de *Darling: New and Selected Poems* (2007), para quem não existe outro lar além daquele que habita, carrega em si mesma as marcas do pertencimento e do não pertencimento e expressa essa condição nos versos finais do poema "My Face is a Map": "Penso agora, mirando fixamente o espelho. / Traço os duros contornos do mundo em minha face. / Conheço os olhares duros de algumas pessoas. / Sem meu mapa, serei a mesma pessoa? Saberei onde estou, onde estive?".¹⁸

¹⁸ Jackie KAY, 2007, p. 222-223.

Referências bibliográficas

- ALVAREZ, Julia. *How the Garcia Girls Lost their Accent*. New York: Plume, 1992.
- BAKER, Ella; COOK, Marvel. "The Bronx Slave Market." *The Crisis*, n. 42, p. 330-331, Nov. 1935.
- BECKLES, Hilary; SHEPHERD, Verene (Eds.). *Caribbean Slavery in the Atlantic World: A Student Reader*. Kingston, Jamaica: Ian Randle, 1999.
- BISHOP, Jacqueline. *My Mother Who is Me: Life Stories from Jamaican Women in New York*. Trenton, N. J.: Africa World Press, 2006.
- BOYCE DAVIES, Carole. *Migrations of the Subject: Black Women, Writing and Identity*. London: Routledge, 1994.
- _____. *Left of Karl Marx: The Political Life of Black Communist Claudia Jones*. Durham: Duke University Press, 2008a.

- _____. "Introduction." In: _____ (Ed.). *Encyclopedia of the African Diáspora: Origins, Experiences, and Culture*. Santa Barbara: ABC-CLIO, 2008b. p. xxi-lviii.
- BRAND, Dionne. *A Map to the Door of No Return: Notes to Belonging*. Toronto: Vintage, 2001.
- BRATHWAITE, Edward Kamau. *The Arrivants: A New World Trilogy*. London: Oxford University Press, 1967.
- CAMBRIDGE, Alrick; FEUCHWANT, Stephen (Eds.). *Where You Belong: Government and Black Culture*. Aldershot: Avebury Press, 1992.
- CESAIRE, Aimé. "Cahier d'un retour au pays natal". In: _____. *Aimé Césaire: The Collected Poetry*. Translated by Clayton Eshleman and Annette J. Smith. Berkeley: University of California Press, 1983.
- CHISHOLM, Shirley. *Unbought and Unbossed*. Boston: Houghton Mifflin, 1970.
- CRUSE, Harold. *The Crisis of the Negro Intellectual: A Historical Analysis of the Failure of Black Leadership*. New York: Quill, 1984.
- CRUZ, Angie. *Let It Rain Coffee*. New York: Simon and Schuster, 2005.
- DAMAS, Leon-Gontran. *Pigments/Nevralgies*. Paris: Presence Africaine, 2001.
- DANDICAT, Edwidge. *Breath, Eyes, Memory*. New York: Random House Vintage, 1994.
- _____. *The Farming of Bones*. New York: Penguin, 1999.
- _____. *The Dew Breaker*. New York: Vintage, 2005.
- _____. *Brother, I'm Dying*. New York: Alfred A. Knopf, 2007.
- DOUGLAS, Marcia. *Notes from a Writer's Book of Cures and Spells*. London: Peepal Tree Press, 2005.
- FANON, Franz. *Black Skins, White Masks*. New York: Grove Press, 1967.
- GARCIA, Cristina. *Dreaming in Cuban*. New York: Ballantine, 1992.
- GILROY, Beryl. *Frangipani House*. London: Heinemann, 1982.
- GOULBOURNE, Harry. *Caribbean Transnational Experience*. London: Pluto Press, 2002.
- HALL, Stuart. "Thinking the Diaspora: Home-Thoughts from Abroad." *Small Axe*, p. 1-18, 6 Sept. 1999.
- HART, Richard. *From Occupation to Independence: A Short History of the Peoples of the English-Speaking Caribbean Region*. London: Pluto Press, 1998.
- HINDS, Donald. *Journey to an Illusion: The West Indian in Britain*. London: Bogle L'Ouverture Press, 2001.
- JAMES, Winston; McKAY, Claude. *A Fierce Hatred of Injustice: Claude McKay's Jamaican Poetry of Rebellion*. London: Verso, 2001.
- JARRETT-MACAULEY, Delia. *The Life of Una Marson, 1905-1965*. Manchester: Manchester University Press, 1998.

- JONES, Claudia. "The Caribbean Community in Britain." *Freedomways*, p. 340-357, Summer 1964.
- KAY, Jackie. *Darling: New and Selected Poems*. Northumberland: Bloodaxe Books, 2007.
- KINCAID, Jamaica. *Lucy: A Novel*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2002.
- KNIGHT, Franklin; PALMER, Colin. *The Modern Caribbean*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1989.
- LAMMING, George. *The Emigrants*. London: Allison and Busby, 1980.
- LOCKE, Alain (Ed.). *The New Negro: An Interpretation*. New York: Albert and Charles Boni, 1925.
- MARSHALL, Paule. *Brown Girl, Brownstones*. New York: The Feminist Press, 1981.
- _____. *Triangular Road*. New York: Basic Civitas Books, 2009.
- MARTIN, Tony. *Amy Ashwood Garvey: Feminist, Pan-Africanist and Wife No. 1, or A Tale of Two Amies*. Dover, MA: The Majority Press, 2006.
- MORTIMER, Mildred; LA PORTE, Bryce. *Female Immigrants to the United States: Caribbean, Latin American and African Experiences*. Washington, D.C.: RIES, Smithsonian, 1981.
- PEREZ, Loida Maritza. *Geographies of Home*. New York: Viking, 1999.
- PERRY, Jeffrey. *Hubert Harrison: The Voice of Harlem Radicalism, 1883-1918*. New York: Columbia University Press, 2009.
- PHILLIPS, Caryl. *The Atlantic Sound*. New York: Vintage, 2001.
- RILEY, Joan. *The Unbelonging*. London: Trafalgar Square Publishing, 1985.
- RILEY, Joan; WOOD, Brair (Eds.). *Leave to Stay: Stories of Exile and Belonging*. London: Virago, 1996.
- SELVON, Samuel. *The Lonely Londoners*. London: Penguin, 2006.
- SMARTT, Dorothea. *Ship Shape*. Leeds: Peepal Tree Press, 2008.
- WALCOTT, Derek. *Omeros*. New York: Faber and Faber, 2002.
- WATKINS-OWENS, Irma. *Blood Relations: Caribbean Immigrants and the Harlem Community, 1900-1930*. Bloomington: Indiana University Press, 1996.

[Recebido em maio de 2010
e aceito para publicação em julho de 2010]

Caribbean Women writing Migration and Diaspora

Abstract: *This paper discusses the work of Caribbean women writers produced both in the Caribbean nation-states and in the countries they migrated to. In identifying some of the major concerns presented in the narratives, it seeks to delineate their experiences as a gendered historical document which helps to understand more clearly the multifaceted movements of the Caribbean diaspora.*

Key Words: *Caribbean Women Writers; Migration; Diaspora.*